



**A ARTE CONTEMPORÂNEA PARA O PROCESSO DE IDENTIDADE: RELAÇÃO  
COM OS ESTUDANTES DO ALTO DO MATEUS (PB)**

**CONTEMPORARY ART FOR THE IDENTITY PROCESS: RELATIONSHIP WITH  
STUDENTS FROM ALTO DO MATEUS (PB)**

Autora: Ana Cláudia Araújo do Nascimento<sup>1</sup>  
PPGAV-UFPB/UFPE  
Associada ANPAP: não

Coautora: Teresinha Vilela<sup>2</sup>  
PPGAV-UFPB/UFPE  
Associada ANPAP: sim

**RESUMO**

*Este trabalho trata de uma investigação em arte/educação, em fase inicial, acerca da discussão da questão identitária, a partir de uma perspectiva decolonial, em que o território do bairro do Alto do Mateus comporta a Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Horácio de Almeida, local onde ocorreram as oficinas. Aí se deu a experiência com duas turmas do segundo ano do Ensino Médio que, por meio das oficinas, em foco para a Arte Contemporânea, em destaque para a discussão das obras dos artistas Cris Peres e Guto Oca. No aporte teórico principal, Achinte (2023), hooks (2017, 2019) e os princípios de Freire (2023) são elementares para esse processo. Como resultado, identificamos que a reconstrução do nosso olhar pautado na Arte Contemporânea é um meio de construir e contribuir no processo de autoafirmação identitária dos estudantes na fase da adolescência.*

**Palavras-chave:** *Identidades. Território. Arte Contemporânea. Decolonial. Oficinas em artes visuais.*

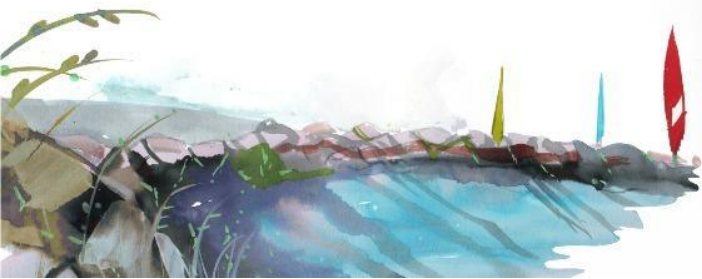
**ABSTRACT**

*This work deals with an investigation in art/education, in its initial phase, regarding the discussion of the issue of identity, from a decolonial perspective, in which the territory of the*

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) em Processos Educacionais em Artes Visuais. Licenciada em Artes Visuais pela UFPB, Campus I Lot. Cidade Universitária, João Pessoa - PB. É integrante do AMI - Grupo de Pesquisa em Arte, Museu e Inclusão (UFPB/CNPq) e voluntária do Projeto Artes Visuais e Inclusão (2022-2023-2024-2025). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0093756644576080>. João Pessoa, Brasil.

<sup>2</sup> Teresinha Maria de Castro Vilela: Licenciatura em Educação Artística (UERJ). Mestre em Artes Visuais. Programa Associado UFPB/UFPE. Doutora em Artes (UERJ). Professora Colaboradora (PPGAV-UFPB/UFPE). Representante Regional do estado da Paraíba - ANPAP. Conselheira Fiscal da Escolinha de Arte do Recife. E-mail: [tecabedelo@gmail.com](mailto:tecabedelo@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4687667818502655>. ORCID: <http://0000-0001-5497-7755>.



*Alto do Mateus neighborhood includes the Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Horácio de Almeida, where the workshops took place. There was an experience with two second-year high school classes that, through workshops, focused on Contemporary Art, highlighting the discussion of the works of artists Cris Peres and Guto Oca. In terms of the main theoretical contribution, Achinte (2023), hooks (2017, 2019) and Freire's principles (2023) are elementary for this process. As a result, we identified that the reconstruction of our perspective based on Contemporary Art is a means of building and contributing to the process of identity self-affirmation of students in adolescence.*

## **Introdução**

Este trabalho trata de uma investigação em artes visuais, em fase de construção, no tocante à discussão da questão identitária, a partir de uma perspectiva decolonial, com ênfase na arte/educação, em que o território do bairro do Alto do Mateus, pensado nesse destrinchamento da América Latina - Brasil - Paraíba - João Pessoa, culminado com maior foco no bairro que comporta a Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Horácio de Almeida, local onde ocorreram as oficinas, resultantes da aprovação no edital Sala de Arte, da Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba. Para fins de contextualização, minha trajetória com a arte/educação perdura desde a graduação de licenciatura em artes visuais que, com diversos atravessamentos na arte/educação, contribuíram para a existência desta investigação. Nisso, em 2024, pude comoicineira ministrar oficinas em torno da Arte Contemporânea para uma turma do 3ª ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Henrique Dias (E.E.E.F.H.D.), composta por crianças entre 8 e 10 anos. As escolas da investigação estão localizadas no mesmo território, Alto do Mateus, bairro em que uma das autoras reside desde sua infância, aos dois anos de idade.

Com isso, as aulas com o público infantil foram desenvolvidas em torno do letramento visual, visto que, na época, no Estágio Supervisionado de 2023 com a mesma turma, percebeu-se a dificuldade em ler e interpretar textos e imagens. Dessa forma, agora com uma turma de adolescentes do Ensino Médio, a temática da identidade tomou corpo após um mapeamento inicial sobre o conhecimento dos participantes acerca da História da Arte, o que gerou debates em relação à escola, ao bairro e à concepção deles/delas como estudantes e seres da sociedade. À vista disso, notou-se o pouco entendimento sobre a História da Arte, mas, na discussão gerada, percebeu-se a força

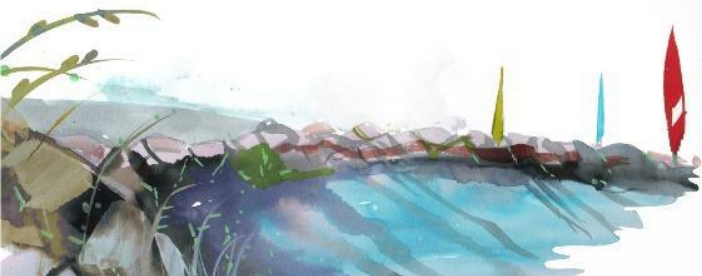


dos participantes em defender seus argumentos, além de técnicas de desenho e grafite.

No que diz respeito ao bairro da Zona Oeste de João Pessoa, Alto do Mateus, é próximo aos bairros da Ilha do Bispo e ao Bairro dos Novais, mas também ao município de Bayeux - PB. Dando prioridade aos elementos do território e aos comentários dos estudantes, reforça-se que a Escola Horácio de Almeida, integral e de nível médio, é uma das principais do local, porém sua estrutura possui ressalvas para os estudantes. Enquanto isso, o bairro é visto como entediante, pequeno e sem entretenimento, além da precariedade das únicas duas linhas de ônibus. Para dialogar com a realidade dos participantes e apresentar um conteúdo diferente, em contrapartida à colonização das retinas que distanciou e distancia os grupos colonizados de suas próprias formas de autorrepresentação e territórios (Achinte, 2023), vimos na Arte Contemporânea, sobretudo em Cris Peres e Guto Oca, artistas atuantes do cenário artístico paraibano, uma forma de aproximação e de captar a atenção na discussão de assuntos importantes e variados como a concepção do eu, o de ser uma mulher negra artista, obra como descarte, gravura, texturas de cabelos, cores, autorretrato, tempo e memória.

## **Metodologia**

A investigação em construção se insere na Investigação Baseada em Arte (IBA), por aliar o objeto de estudo a um crescimento conjunto com as vivências da pesquisadora e dos estudantes, em que as imagens são indispensáveis para relatar esse processo de partilhas e afetos. Além disso, para a elaboração dos encontros, a pesquisa bibliográfica é de suma importância, tanto textual quanto imagética para, dessa forma, selecionar as poéticas dos artistas visuais paraibanos a serem dialogados, de natureza qualitativa e com princípios da educação não formal, uma vez que o livro didático não foi utilizado durante os encontros.



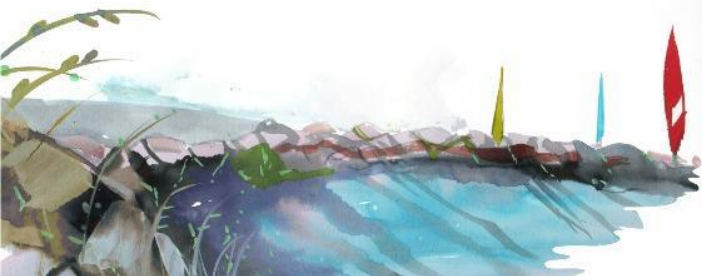
Ademais, visto que os estudantes possuem pouco contato com a disciplina de Artes, vale salientar que a didática das oficinas se pauta na educação como prática da liberdade, pensando na autonomia crítica e reflexiva do estudante e da aprendizagem mútua da relação professor-aluno, já que

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (Freire, 2023, p. 95).

Dessa forma, a questão identitária do sujeito se deu por meio de imagens que discutam com tal tema e, com aporte na arte/educação, uma vez que pode promover a identidade cultural do sujeito (Barbosa, 2012, 2014) e, como consequência, o estudante relaciona a sua vivência, a sua percepção como indivíduo, no seu território, apreendido nesta investigação como um destrinchamento da América Latina - Brasil - Paraíba - João Pessoa, até o bairro do Alto do Mateus, local em que, segundo relatos dos estudantes, residem, vivem e trabalham. Devido à carga horária extensa do ensino integral, muitos/as narram sobre saírem pouco nos dias livres, destinando as folgas à moradia ou lazer nas praças próximas.

No que concerne às oficinas, em especial aos encontros em torno das imagens de Cris Peres e Guto Oca, suas obras foram apresentadas por meio da impressão em papel ofício e suas devidas fichas técnicas, recurso desconhecido pelos estudantes. Com isso, a partir de perguntas norteadoras, a conversa se desenrola tratando de aspectos técnicos das imagens, mas sobretudo em relação às temáticas, com ganchos para a identidade e, nesse sentido, dando voz aos estudantes para que cada um pudesse se sentir livre e confortável em contar suas próprias histórias, pois “achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar – achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos” (hooks, 2017, p. 199).

A escolha da artista/pesquisadora Cris Peres e do artista/pesquisador Guto Oca perpassa também pelos conceitos, autores/as e temas de suas pesquisas. Cris Peres contesta em sua dissertação as teorias de controle da colonialidade com os registros



de uma de suas *performances*, *Fragile*, com relatos e partilhas de mulheres negras, que vivem em Água Preta (PE), local em que Cris Peres participou da residência artística na Usina de Arte. Sobre a *performance Fragile*: “Reuni os corpos que produzem arte pela perspectiva não hegemônica da performance artística, como uma tentativa de aquilombamento” (Dias, 2022, p. 101). Guto Oca, com reflexões a partir das suas produções artísticas, busca o daltonismo fisiológico com o “daltonismo racial”. Em “Ser preto assusta, assusta ser preto, preto assusta ser. No texto inscrito na bandeira preta” (Santos, 2021, p. 102), o artista/pesquisador remete ao pensamento de Frantz Fanon, que discorre sobre a internalização da inferioridade negra. Frantz Fanon está presente, assim como a autora Grada Kilomba, em ambas as pesquisas de Cris Peres e Guto Oca, futuros autores de interesse para esta investigação.

Como mencionado, esta noção variada de identidade foi atribuída às imagens de Guto Oca e Cris Peres, apresentadas por suas impressões em colorido. Para fins de esclarecimento, Cris é uma artista visual, que “investiga os binômios da presença e da ausência a partir da experimentação dos objetos ordinários, conduzidos pela apropriação e pelo vestígio” (Cris Peres, 2024) e Guto, em entrevista ao *podcast Pincel e Lápis* (2024), da Parahyba FM, comentou sobre gostar de colocar a sua identidade na pintura, mas também de captar a atmosfera local, o que ele faz pelas formas geometrizadas, que representam os rostos e pelas diversas cores que utiliza. Assim, as obras em ênfase para a discussão de identidade foram da série *Impressão Errada* (2019), de Cris Peres (figura 1) e *Estrelado* (2024), de Guto Oca (figura 2).

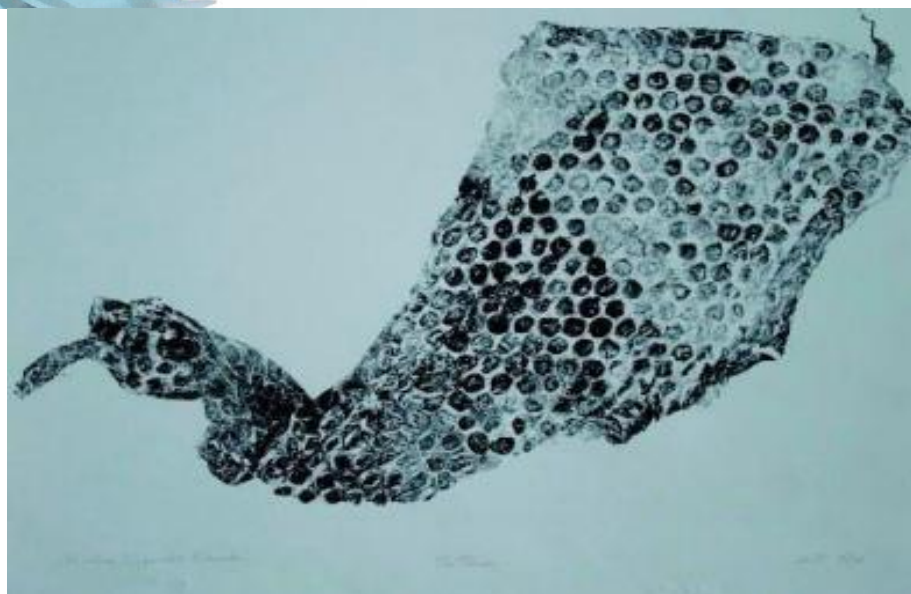


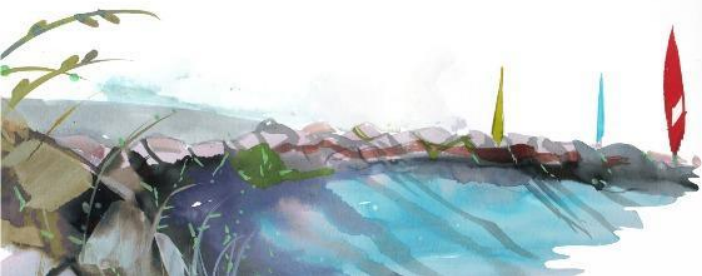
Figura 1 - Cris Peres. **Da série Impressão Errada**. Monotipia. 29,7 cm X 42cm, 2019.

Fonte: <http://plone.ufpb.br/pinacoteca/contents/material/pinturas/cris-peres/gravuras/cris-peres-01.jpg/view>. Foto: Maycon Albuquerque, 2020.



Figura 2 - Guto Oca. **Estrelado**. PVA sobre madeira e tela. 92 x 73 x 1,28 cm, 2024.

Fonte: [https://www.arteluralgaleria.com.br/products/estrelado?srsId=AfmBOog9ZUm\\_dh0aYTnD\\_Xl8BJoT\\_KxV-WdV-fodiQRErRWanlhhQIXMT](https://www.arteluralgaleria.com.br/products/estrelado?srsId=AfmBOog9ZUm_dh0aYTnD_Xl8BJoT_KxV-WdV-fodiQRErRWanlhhQIXMT). Foto: Cristiane Dias, 2024.



Nessa perspectiva, no tocante à identidade, “(...) a Arte é essencialmente ação interdisciplinar, pois impõe ao aluno a busca e a identificação de sua identidade e da identidade de seu tempo nos diferentes espaços de produção cultural” (Selbach, 2010, p. 138), fator este presente na imagem de Cris que

Na Da Série Impressão Errada, Cris Peres não se apresenta diretamente enquanto corpo feminino, corporifica-se a partir da apropriação de embalagens plásticas que são coletadas em ambientes domésticos e nas ruas da cidade, por onde ela passa cotidianamente. Investiga as intrincadas interações entre o corpo feminino, a sociedade e a natureza, desafiando as noções estereotipadas de feminilidade e redefinindo os limites da relação entre a mulher e o plástico (Miranda; Costa; Dias, 2023).

Em relação à obra de Guto, despertou debates sobre símbolos e elementos de representação preta a partir de olhares em torno da raça a partir de seus *dreadlocks* e boca acentuada, o que colabora para a temática da identidade na Arte Contemporânea brasileira, em versar sobre a “resistência que se desdobra em ativismos pretos, em autorrepresentações e novas possibilidades de criar dentro da diáspora africana no Brasil” (Santos, 2021, p. 59). Fator este presente nos estudantes, pois, em conversas durante as oficinas, alegaram a importância de acentuarem os traços dos rostos, mas principalmente dos cabelos que, presentes em suas texturas naturais, reforçam a diversidade das curvaturas dos cabelos cacheados e crespos.

No que se refere à Arte Contemporânea como suporte para a caminhada dos encontros, percebemos os elos de aproximação com o processo decolonial em autoafirmar-se sujeito criador e crítico no processo de aprendizagem, no contexto da arte/educação em sala de aula. Como é visto em variadas ocasiões, o ensino da arte/educação é realizado conforme seus moldes tradicionais e, por consequência disso, é imprescindível que nosso olhar colonizado precise ser abraçado pela estética e pedagogia decolonial. Ou seja, elementos que nos convidem a desaprender para iniciar um percurso educativo e identitário por aprendizagens outras, de preferência pela via do autoconhecimento, da autonomia, do posicionamento político e do entendimento do nosso entorno, perspectiva dos povos originários e da diáspora africana (Achinte, 2023).



## Considerações finais

Assim, concluímos que as oficinas em artes visuais contribuíram para a questão identitária dos estudantes após a percepção obtida nos encontros, nas suas falas, gestos e produções artísticas. Diante da arte/educação, concordamos com a artista visual, pesquisadora e educadora Rosana Paulino (2021), ao afirmar que a gente no Brasil é muito ingênua em relação ao poder da imagem, pois a “imagem conta histórias e forma narrativas” e, se não estivermos com o olhar apurado, podemos ceder ao sistema de controle que as culturas e estéticas hegemônicas tanto impõem.

Nesse sentido, frente a essas imagens que ameaçam desumanizar e colonizar (hooks, 2019), as atitudes de embate com aporte no entendimento crítico, reflexivo e libertário da Arte Contemporânea são um meio de construir e contribuir no processo de autoafirmação identitária, exemplificado nesta investigação pelas obras de dois artistas que atuam no cenário artístico da Paraíba. Tal processo sendo comunitário, em conformidade com o território e as vivências partilhadas no objetivo de construir sua própria narrativa contando a sua história através da prática da liberdade.

## Referências

- ACHINTE, Adolfo Albán. A Comunalidade criativa: uma pedagogia da imagem. In: BARBOSA, Ana Mae; FONSECA, Annelise Nina da (org.). **Criatividade Coletiva: arte e educação no século XXI**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 91-115.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012, 2014.
- DIAS, Cristiane Peres. **Das artes**. Rio de Janeiro: Indexa Editora, 2024. Disponível em: <https://dasartes.com.br/votacao-garimpo/cris-peres/>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- DIAS, Cristiane Peres. **Fragile: teorias de controle e a decolonização performativa do corpo dissidente**. João Pessoa, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24783?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24783?locale=pt_BR). Acesso em: 14 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 85. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.



HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**. São Paulo: Elefante, 2019.

MIRANDA, Atena Pontes de; COSTA, Robson Xavier da; DIAS, Cristiane Peres. Impressão Errada: Cris Peres no Acervo da Pinacoteca da UFPB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 32., 2023, Fortaleza, CE. **Anais** [...]. Fortaleza (CE): IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/666191-IMPRESSAO-ERRADA--CRIS-PERES-NO-ACERVO-DA-PINACOTECA-DA-UFPB>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PAULINO, Rosana. **Somos muito ingênuos em relação à imagem**. Entrevista cedida a Anna Ortega. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-a-firma-rosana-paulino/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PINCEL e Lápis. [Locução de Yara Guerra]: Entrevistado: Guto Oca. João Pessoa: Rádio Parahyba FM, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/23a163ZdoenHUJgDJINq6D>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SANTOS, Augusto César de Holanda. **Guto Oca**: a cor que não vejo. 2021. Dissertação (Mestrado em Processos Educacionais em Artes Visuais) - Universidade Federal da Paraíba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22065>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SELBACH, Simone (sup.). **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.